



Marcelo e a Política como Espectáculo

Publicado em 2026-04-14 18:05:50



BOX DE FACTOS

- Marcelo Rebelo de Sousa iniciou em Abril de 2026 um ciclo de aulas-debate em escolas com o tema “Educação, vocação, futuro”.
- A primeira sessão decorreu em Águeda, na Escola Secundária Adolfo Portela.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

apiausos, selfies, autógrafos e forte exposição mediática.

- O caso ilustra a transformação da política em liturgia afectiva e espectáculo de proximidade.

Marcelo e o Populismo dos Afectos

Há um populismo que grita, simplifica e agride. E há outro que sorri, abraça, distribui selfies e transforma a política numa catequese sentimental. Portugal conheceu bem essa segunda versão.

O episódio de Águeda não foi apenas uma visita escolar. Foi uma revelação, mais uma, da forma como a política portuguesa se foi deixando contaminar pela lógica da celebridade, da coreografia afectiva e da substituição da substância pelo encanto pessoal. Marcelo Rebelo de Sousa foi recebido como uma estrela. Não como um antigo magistrado da República em visita a uma escola para dialogar com

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

folclore de passagem. Mas não é. É uma linguagem política. É uma pedagogia pública. É um método. E esse método consiste em deslocar o centro de gravidade da vida cívica: em vez de instituições, foco na figura; em vez de pensamento, foco na empatia; em vez de elevação institucional, foco na proximidade performativa. O resultado é uma democracia mais leve, mais sentimental, mais mediática — e, por isso mesmo, mais vulnerável à banalização.

A escola como cenário, a política como encenação

Em teoria, falar com jovens sobre educação, vocação e futuro é uma tarefa nobre. E pode até ser útil. O problema começa quando a mensagem se torna secundária perante a encenação da presença. O que fica na memória colectiva já não é a arquitectura das ideias, mas o corredor de aplausos, os gritos em uníssono, os beijos, o aparato de familiaridade. A escola deixa de ser o lugar exigente da formação e passa a servir de palco para a continuação do personagem público.

Eis o ponto: a política-espectáculo não precisa de comícios inflamados para se tornar populista. Pode vestir tom professoral, paternal, acessível, sorridente. Pode falar baixo e parecer sensata. Pode até invocar a educação e o futuro. Mas, se a sua energia principal assenta na adoração

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O populismo sem fúria

Durante anos, Marcelo cultivou esta fórmula com talento incomum. Foi o político do abraço, da presença omnipresente, da selfie redentora, da emoção como moeda de contacto com o País. Muitos elogiaram essa habilidade como sinal de humanidade. E, sem dúvida, havia nela um lado de calor pessoal que contrastava com a frieza burocrática de outras figuras. Mas a questão nunca foi apenas temperamental. A questão era institucional.

Quando um Presidente se transforma num animador afectivo da República, a função deixa subtilmente de representar apenas a permanência do Estado e passa a representar também uma espécie de intimidade nacional encenada. O País habitua-se então a medir a política pela simpatia, pela disponibilidade, pela fotogenia moral. E isso é perigoso, porque rebaixa a exigência. O cidadão deixa de perguntar: “Que visão tem esta figura para o País?” e passa a perguntar: “É próximo? É simpático? Faz-nos sentir bem?”

Da popularidade à banalização

O problema do populismo afectivo não é a violência verbal. É a erosão doce da seriedade. Em vez de brutalizar a

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

benévolo. Mas vai retirando densidade à própria ideia de responsabilidade política.

Uma república não se fortalece quando transforma antigos chefes de Estado em celebridades itinerantes de pavilhão escolar. Fortalece-se quando consegue fazer da palavra pública um exercício de exigência, de lucidez e de elevação cívica. O contrário disto é a pedagogia da aura: o aluno aprende menos com o conteúdo do debate do que com a mensagem implícita de que a política é, afinal, carisma bem iluminado.

Portugal e a tentação da política sentimental

Talvez estejamos aqui perante um dos traços mais fundos da fragilidade política portuguesa: a dificuldade em separar representação institucional de teatralidade afectiva. O País gosta de figuras calorosas, de gestos simbólicos, de proximidade emocional. E isso, em si, não seria condenável. O problema surge quando essa inclinação se torna substituto da exigência crítica. Quando a opinião pública prefere comover-se a escrutinar. Quando confunde simpatia com grandeza. Quando troca densidade por ternura.

Nesse sentido, Marcelo não foi apenas um político popular. Foi também um sintoma. O sintoma de um regime

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

muitas vezes mais próxima do entretenimento respeitável do que do pensamento de Estado.

Conclusão

A cena de Águeda não é irrelevante. É reveladora. Mostra como Portugal continua preso a uma visão infantilizada da política, em que o carisma pessoal vale mais do que a substância, a presença vale mais do que a arquitectura das ideias e o aplauso vale mais do que a reflexão. Marcelo pode já ter saído de Belém, mas a gramática que ajudou a consolidar permanece viva: a da política como afecto encenado.

E uma democracia que se habitua a isso empobrece sem dar por isso. Não cai. Não explode. Não entra em convulsão. Apenas vai trocando, devagarinho, o pensamento pelo encanto e a cidadania pela plateia.

Referências

- ECO, 13 de Abril de 2026, sobre o novo site de Marcelo Rebelo de Sousa e o arranque do ciclo “aulas-debate” em escolas.
- Gabinete MRS, agenda pública e enquadramento da

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Frase a reter

Marcelo foi talvez a forma mais delicadamente portuguesa de populismo: não o da fúria, mas o da sedução; não o da ruptura, mas o da banalização simpática da política.

Francisco Gonçalves

Nota editorial para o **Fragmentos do Caos**.

Co-criação editorial com Augustus Veritas.

Nota editorial

Não é apenas a mediocridade de certos políticos. É também a disponibilidade quase comovente de parte do povo para os idolatrar, como se a proximidade cénica, o sorriso treinado e a liturgia dos afectos fossem sinais de

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

um lado, actores hábeis em representar intimidade; do outro, plateias treinadas para confundir familiaridade com mérito, emoção com visão, simpatia com estatura.

Dito de forma crua: um País não se afunda só por ter elites fracas. Afunda-se também quando aprende a aplaudi-las. O populismo, seja ele qual for, é isso mesmo: não importa a qualidade, importa o aplauso; não importa a verdade, importa o efeito; não importa construir, importa conquistar e dominar.

Em Abril de 1974, acreditei que Portugal entraria numa democracia onde a excelência acabaria por derrotar a mediocridade. Foi um engano monumental e uma desilusão pessoal.

- Francisco Gonçalves (2026)



Ler o Livro : A Democracia Infantil



GitHub Pages



CodeBerg Pages

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.